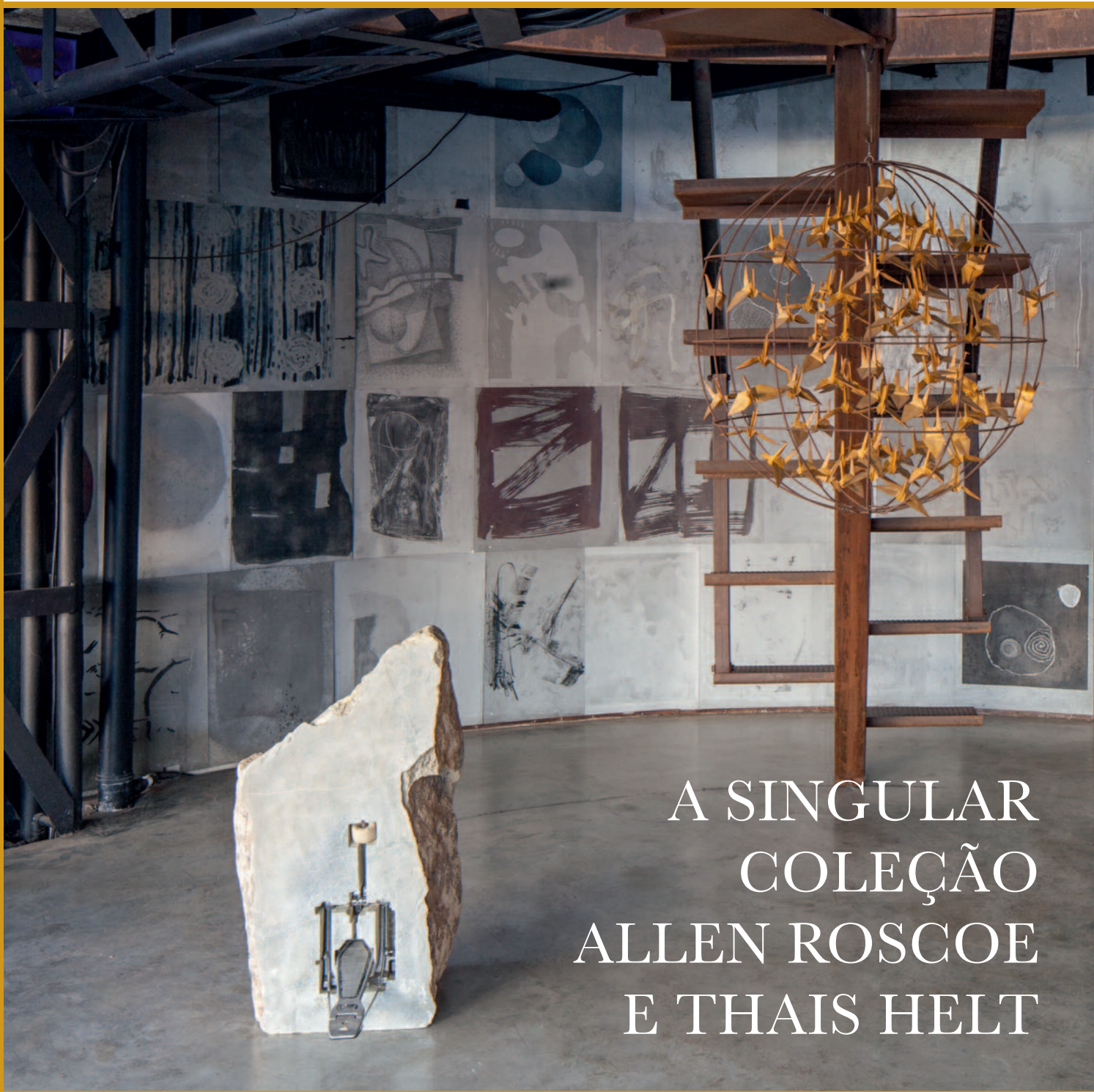


OXIGÊNIO

JUNHO 2020



NÚMERO 10



A SINGULAR
COLEÇÃO
ALLEN ROSCOE
E THAIS HELT

O

EDITORIAL

Continuamos em quarentena ou “semi-quarentena”. Mas a arte resiste; se reinventa, reescreve seu trajeto. Seguimos porque não há outro caminho a não ser seguir em frente. Esse é o projeto da OXIGÊNIO: não deixar que nenhum tipo de arte morra!

Nesta edição continuamos falando das coleções privadas. Dessa gente ímpar que segue apostando na arte contemporânea. Arte, arte, arte! De todos os tipos e feitios. Arte para respirar, para nos fazer melhor; para nos deixar mais sensíveis e humanos.

Apresentamos a coleção de Allen Roscoe e Thais Helt, que conta com mais de 2.500 obras de aproximadamente 200 artistas. O trabalho é abrangente, apresentado sob a lupa de uma produtora cultural e professora de História, um museólogo e documentalista, e uma psiquiatra e psicanalista.

Em Londres, nossa correspondente conversou com Isabela Galvão, criadora do *London Art Walk*, focado nas visitas da colecionadora a exposições em museus, instituições, galerias, estúdio de artistas, feiras de arte no Reino Unido e lugares por onde viaja.

Os artistas, curadores e colecionadores foram rápidos em se adaptar à situação, ao novo normal, encontrando maneiras alternativas de compartilhar seus trabalhos com o público online.

Para arejar ainda mais, a matéria de Antonella Kann apresenta uma das poucas bolhas num planeta infectado: a Nova Zelândia, um pequeno país-ilha isolado no sudoeste do Oceano Pacífico, a dois mil quilômetros da Austrália e alinhavado pelo mar da Tasmânia.

Boa leitura! Respiremos porque vai passar.

O

ÍNDICE

- 04 Coleção Allen Roscoe e Thais Helt – Movimentos e paixões da alma de Minas
- 05 A casa que respira arte
- 06 A questão em comum dos colecionadores
- 10 Arte – uma atividade humana entre as mais altas em termos simbólicos
- 14 London Art Walk
- 18 Arte não morre, se reinventa
- 22 O charme Kiwi

Foto de capa: Leonardo Finotti

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742

Editora: Ana Ligia Petrone

Correspondente em Londres: Maria Herminia Donato

Colaborações de Alexandre Madalena, Antonella Kann, Daiana Castilho Dias e Vanda Pignataro Pereira

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com

Anuncie, envie sugestões de pauta, colaborações, imagens, publireportagens.

COLEÇÃO ALLEN ROSCOE E THAIS HELT

*Movimentos e paixões
da alma de Minas*



Allen Roscoe e Thais Helt

Fotos: Divulgação



Com mais de 2.500 obras de aproximadamente 200 artistas, a OXIGÊNIO apresenta uma das mais relevantes e representativas coleções de arte litográfica do país

A CASA QUE RESPIRA ARTE

Daiana Castilho Dias*

Foto: Leonardo Finotti



Há exatos 15 anos aconteceu meu primeiro contato com Allen Roscoe e Thais Helt. Por ocasião do Ano do Brasil na França, quando eu andava às voltas com a responsabilidade de apresentar a cultura brasileira naquele país, num centro cultural criado em 30 dias para abrigar toda a arte do Brasil durante três meses.

A representação brasileira tinha um “abre-alas” colossal do artista mineiro Amilcar de Castro e quem vinha acompanhando as obras era nada menos do que o arquiteto responsável pela sua feitura: Allen Roscoe. Depois daquela odisséia, era inevitável que ficássemos próximos, amigos, cúmplices.

Por isso, nessa edição da *SÉRIE COLEÇÕES*, vou deixar para outros colegas falarem de colecionismo e da preciosa Coleção Allen Roscoe e Thais Helt. Aqui quero

A lista de artistas que trabalharam com ele é extensa, Amílcar de Castro, Franz Weissmann, Nuno Ramos, Eder Santos e por aí vai.



Thais Helt, litografia sobre papel japonês, *Soturnos e Noturnos*

Foto: Divulgação

Helt é uma das mais impactantes artistas visuais que conheço. Não dá para ficar impassível aos seus trabalhos que misturam técnica aprimoradíssima a uma poética do encantamento. Sorte daqueles que puderam, durante anos, desfrutar de seus ensinamentos na escola Guignard, onde foi professora.

Fico hoje a pensar nos encontros que tive na casa de ambos e é fácil dizer que toda arte mineira passa, passou ou passará por aquelas paredes. Já vi os projetos mais incríveis surgirem em meio ao café e à animação daquele espaço. A casa respira arte, na verdade é propriamente uma obra de

apresentar esse *duo virtuose*. Ele, arquiteto e engenheiro, amigo íntimo do aço *cortén* e de suas durezas; ela, artista visual, professora, *performer* da vida. Ambos mestres no fazer cultural.

arte. Faz-se mais pela Cultura de Minas nesses encontros do que toda política cultural possível naquele Estado.

Roscoe, além de ser um colecionador nato, é sobretudo um “facilitador” de obras de arte. É responsável por criar as estratégias e os métodos mais incríveis para ajudar artistas visuais a confeccionarem seus trabalhos.

Assim, falar da coleção Allen Roscoe e Thais Helt é nada menos do que falar dos movimentos e paixões da alma de Minas.

*Daiana Castilho Dias é produtora cultural e professora de História

A QUESTÃO EM COMUM DOS COLECIONADORES

Alexandre Madalena*

Quando se pensa em colecionadores de arte, imagina-se que eles vivem em um mundo muito distante da realidade da maioria de nós, reles mortais. Do ponto de vista pessoal, realmente, é difícil defini-los, contudo, enquanto um grupo específico, têm uma questão que os caracteriza: a paixão pela arte.

É a paixão que move o colecionador e sua identificação se dá por meio de trabalhos que se traduzem em afetos, lembranças, experiências e visões de mundo muito particulares. É esse traço de seu comportamento que distingue um verdadeiro colecionador do que poderíamos chamar de um *amateur d'art* ou comprador eventual ou acumulador ou, até mesmo, investidor. O colecionador passa a “falar” através das obras que reúne, ao longo do tempo e assim se percebe quais são os seus motivos. Este significado vai tornar-se muito evidente quando ele se dispõe a documentar e mostrar sua coleção.

Uma coleção de arte precisa ter sentido e seguir um método de aquisição para transcender o



Yara Tupinambás, litografia, *Siderurgia*



Inimá de Paula, litografia, *s/título*

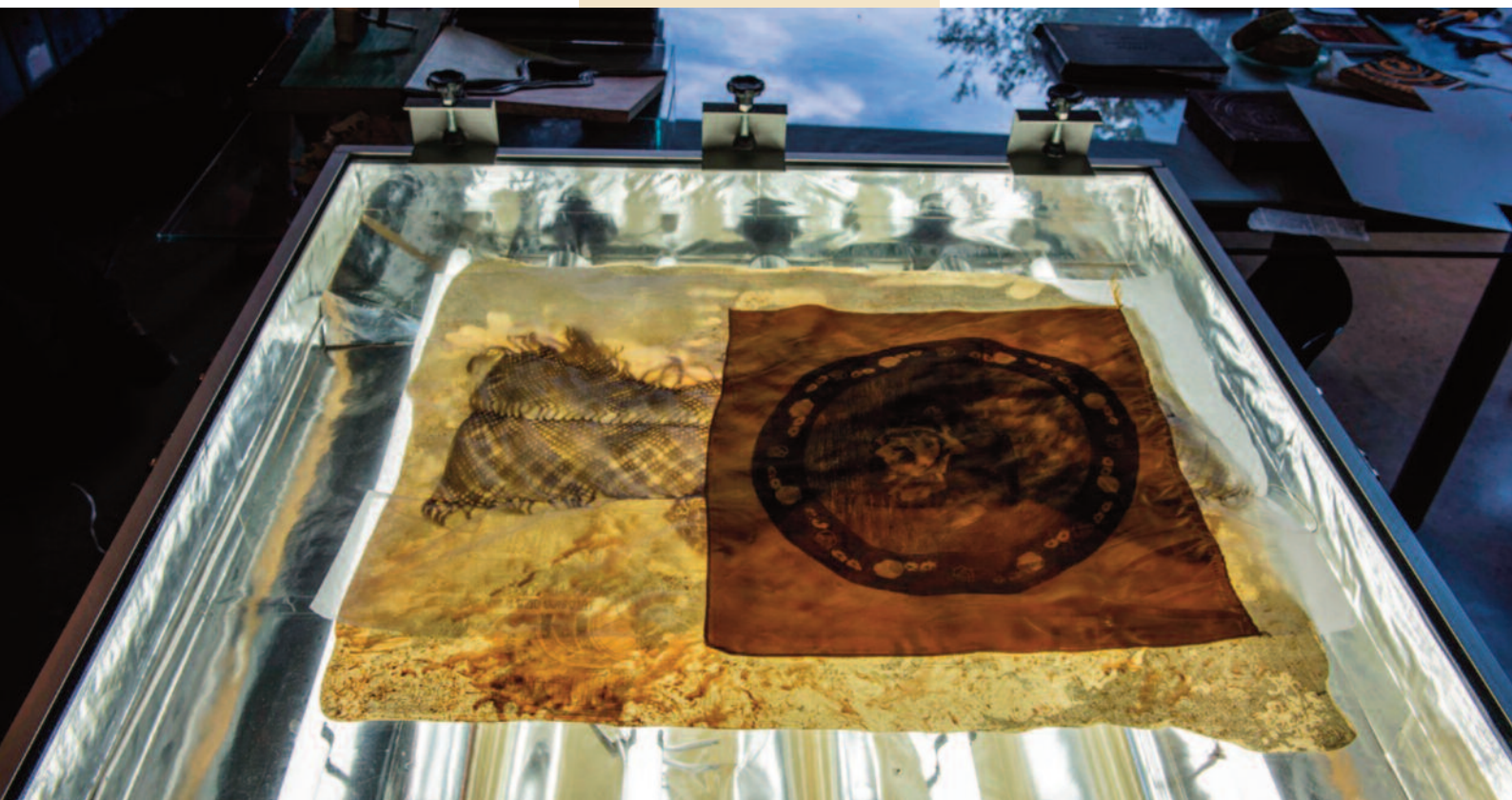
Fotos: Alexandre Madalena



Amilcar de Castro, litografia, *s/título*

simples ato de acumular. Seja por sonho, desejo, amor, vaidade, compulsão, prazer, negócio, entre outras experiências que incentivam o colecionismo, uma razão sempre se destaca: a preservação de uma ocasião especial.

bém, com as ações de preservar, divulgar e contribuir com a história da arte. Neste sentido, uma coleção de obras de arte possui a propriedade de revelar aspectos de uma realidade cultural, em determinado tempo e espaço social. Constitui-se em um patrimônio cultural,



Thais Helt, litografia, *s/título*

Foto: Divulgação

Refletir sobre o ato de colecionar objetos de arte situa-se além de apenas possuir obras. Significa mostrar o papel de quem coleciona, que deve se preocupar, tam-

e, como tal, uma representação histórica que preserva o modo de criação de uma época, de vida de uma sociedade ou de traços de uma personalidade que faz



Rubens Gerchman, litografia, *s/título*

parte da memória artística e, portanto, com valor coletivo. Assim, o colecionador constrói a história ao fazer as suas escolhas, definir a vocação de sua coleção e os seus recortes.

Diferentemente das coleções públicas, que têm missão institucional, uma coleção privada pode se especializar a partir da visão particular de seu proprietário, sendo constituída por critérios pessoais, peculiaridades e escolhas que se dão ao longo do tempo e por diversos motivos. Porém, todas têm algo em comum: a aptidão do colecionador de dimensionar o valor intangível que atribui aos objetos que coleciona.

Entendo que o colecionismo é uma ação infundável e, por isso, está ligado à permanência, sendo um dos objetivos do colecionador deixar, por meio de sua coleção, o seu registro de vida, transmitindo ao mundo a sua opção, o seu olhar, a sua inquietação, o seu pensamento e o seu gosto estético. O colecionismo é também um meio de expressão, uma declaração da identidade dos que colecionam.

A coleção de gravuras do arquiteto Allen Roscoe começou a ser constituída na década de 1970 com o incentivo de sua esposa, a gravadora, pintora e desenhista Thais Helt. Ela estava envolvida com grupos de artistas plásticos no

Fotos: Alexandre Madalena



Maria Helena Andrés, litografia e desenho, *s/título*



Thais Helt, *Quase um museu de objetos esquecidos – Não precisa me explicar. É por isso que vim até aqui*

desenvolvimento de novas linguagens com propostas distintas. Juntos trabalhavam em oficinas e ateliês para criarem seus trabalhos dentro de uma perspectiva contemporânea da arte, utilizando a litografia.

Um grande impulso para a coleção ocorreu quando do surgimento dos ateliês coletivos *Casa Litográfica*, em 1978, e posteriormente com o núcleo *Oficina 5*, em 1988, onde vários artistas produziram suas gravuras em um ambiente estimulante que ajudou ainda mais a disseminar esta linguagem artística. No ano de 1993, Thais Helt transferiu-se para a cidade de Nova Lima (MG), onde até hoje continua a trabalhar com a litografia em seu ateliê, desenvolvendo projetos com a participação de artistas convidados, permitindo dessa forma que eles também desfrutem da estrutura e compartilhem conhecimentos e projetos.

Assim, a coleção foi-se estabelecendo ao longo das últimas décadas e, atualmente, reúne mais de 2.500 obras de arte, criadas por duzentos artistas plásticos, aproximadamente.

Também integram o conjunto artístico colecionado, diversos documentos de estudos de criação vinculados a processos criativos e à impressão das obras como rascunhos, anotações, provas e testes, esboços e desenhos, registros lito-

gráficos, escritos e importantes curiosidades sobre o desenvolvimento dos trabalhos dos artistas presentes na coleção. Hoje, esse conjunto de obras e documentos são uma das mais relevantes e representativas coleções de arte litográfica pertencentes a uma coleção privada no Brasil.

Recentemente, a coleção passou por processo de documentação, importante passo para o devido registro, gestão e permanência do acervo. Cada obra foi inventariada conforme seu valor artístico, histórico e mercadológico, facilitando sua administração. Com auxílio de um aplicativo, cada um dos itens cadastrados contempla detalhes, informações técnicas e históricas, referências bibliográficas, imagens digitais e demais informações úteis à gestão informacional e museológica podendo ser facilmente identificada e pesquisada.

Tudo aquilo que é produzido intelectualmente só é difundido e conhecido a partir do momento que adquire visibilidade. A elaboração da documentação museológica como a que foi feita na Coleção Allen Roscoe, comporta preciosas fontes informacionais que serão mais notadas no campo das artes se forem objeto de críticas especializadas, de estudos históricos, de textos sobre artistas e outras variadas formas de registros que versam sobre a trajetória de existência das obras e dos agentes que transitaram no circuito artístico em que elas se inserem. A informação, deste modo, é um elemento fundamental para o desenvolvimento evolução social, intelectual e histórico.

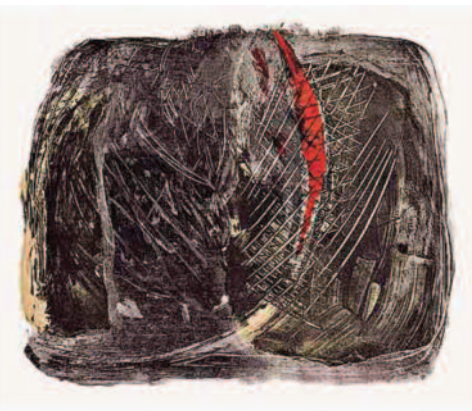
*Alexandre Madalena é museólogo e documentalista

ARTE – UMA ATIVIDADE HUMANA ENTRE AS MAIS ALTAS EM TERMOS SIMBÓLICOS

Vanda Pignataro Pereira*



Thais Helt, litografia e desenho,
Labirinto Escrito
Foto: Alexandre Madalena



Thais Helt, litografia, *s/título*
Foto: Divulgação

Estranho sonho este que preside as coleções, de que as coisas possam ser postas em ordem e compreendidas. Fato é que toda tentativa de classificação e arquivamento do conhecimento e das coisas do mundo mostra o caráter do que não se controla e não se contém. Uma coleção sempre deseja mais um para garantir sua permanência e vitalidade.

O que torna a coleção valiosa para o colecionador é uma promessa que a torna sagrada, algo que sugere a imortalidade. Representa, nesse ponto, o vazio que subsiste no objeto inassimilável e inalcançável.

Nesta coleção, Thais Helt, uma reconhecida e experiente gravadora, constitui parte de seu acervo com as próprias gravuras, que refletem seu processo de criação, marcado pela experimentação e por uma poética da fragmentação. Sua pesquisa visual passa pela criação das imagens ainda na pedra. Suas gravuras são sobreimpressões, releituras do próprio trabalho e, em suas matrizes litográficas, diversos elementos se encontram, como desenhos, objetos, caligrafia, colagens, em associações que subvertem a expectativa com que se recebem os trabalhos de gravura.

Parte de seu acervo pessoal é o dossiê desse processo. A outra parte traz a marca da passagem por seu ateliê de vários artistas nacionais que lá fizeram algum trabalho, com destaque para Amílcar de Castro, também apaixonado pela litografia, que, mais do que uma passagem, fez dali também seu ateliê, o hoje *Instituto Amílcar de Castro*. “Quando criei a Oficina 5, ele mergulhou nas pedras litográficas. Por lá passaram muitos artistas, mas Amílcar de Castro foi o mais constante, trabalhava em litografia, além da escultura, e quando eu e o Allen mudamos para Nova Lima, daí pra frente a convivência foi só se estreitando” – afirma Thais.

Quanto a Allen, a coleção traz aquilo que sempre me chamou a atenção desde que o conheci: seu apreço pelo ato de colecionar; os jeeps, uma de suas paixões, e, em particular, uma cena antiga: ele junto ao seu estimadíssimo poodle, chamado Miró, diante de um painel desmontado de um jeep, contemplando um emaranhado de fios que dali saíam, buscando uma ordem naquela desordem como só o espírito de um colecionador é capaz.

Sua relação com o que coleciona, como é marca do colecionador, não tem em primeiro plano a utilidade, ao contrário, “ama e estuda enquanto palco de seu próprio destino” (Benjamim). Sua coleção de arte, na qual o suficiente não é o bastante, se confunde com as peças de vários artistas, brasileiros ou não, que lhe solicitaram executar uma peça, todas trazendo a marca de uma convivência. “Na coleção de gravuras da Ofi-

cina 5 eu estabeleci uma regra: todo artista que ali fazia gravura deixava uma cópia para o que viria a ser a futura coleção. Claro que isso criou um paradoxo – o do artista fazer uma gravura que nem ele tinha cópia, porque não fazia além de uma, desde os anos 80, e essa regra persiste até os dias de hoje. Uma forma de troca.” – esclarece Allen.



Allen Roscoe, Amílcar de Castro e Thais Helt
Foto: Divulgação

Colecionar é eleger, adquirir, seriar, conservar. A escolha desses colecionadores, profundamente ligada à experiência do fazer de cada um, indica como no âmago de cada peça há uma paixão envolvida. Cada peça de Allen ou gravura de Thais contam uma história, reafirmando a cada vez que a arte é, antes de tudo, uma atividade humana entre as mais altas em termos simbólicos. Trabalho tenaz e persistente com o inútil, a renovar o antigo fundamento que os homens constituíram como sendo o desejo de imortalidade que recobre e posterga a morte no horizonte.

*Vanda Pignataro Pereira é Psiquiatra e Psicanalista



LONDON ART WALK



Nossa correspondente em Londres conversou com Isabela Galvão, criadora do London Art Walk, focado nas visitas da colecionadora a exposições em museus, instituições, galerias, estúdio de artistas, feiras de arte em Londres e lugares por onde viaja

Maria Hermínia Donato

Isabela Galvão criou o *London Art Walk* ao perceber que, apesar da enorme quantidade de exposições semanais em museus e instituições de arte em Londres, suas amigas não iam por falta de companhia e estímulo.

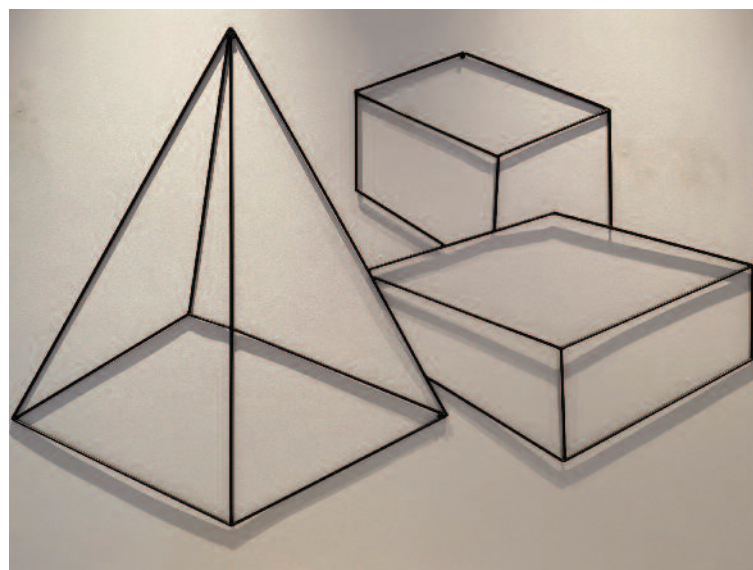
Logo após o sucesso das primeiras visitas guiadas, veio a vontade de ampliar o seu público através do Instagram, hoje seu principal canal de comunicação.

Isabela diz: *“Acho maravilhoso poder levar um pouco de arte para as pessoas, inclusive àquelas que não têm muito contato com a arte. Tenho muitos seguidores no interior do Brasil, por exemplo, e sei que são regiões onde a oferta cultural é menor. Que privilégio meu poder levar arte a esses lugares”.*

Com a chegada do Coronavírus e do confinamento, sua presença no Instagram precisava ser reinventada, (os museus e galerias fechados começaram a mostrar suas exposições e artistas online) ao mesmo tempo em que os três filhos pequenos exigiam uma demanda maior em casa.

Na página ao lado: obra de Andreas Eriksson
Foto: Divulgação

A primeira *live* foi convite de uma arquiteta para falar sobre arte no contexto doméstico, considerações sobre como escolher obras para nossas casas.



Lydia Okumura, *Triple n.2*

Foto: Divulgação

Hoje ela convida pessoas para falar de temas específicos dentro do mundo das artes. – *“Outros projetos dizem respeito ao intercâmbio entre Brasil e Reino*



Andreas Eriksson, *Pattern* Foto: Divulgação



Lisa Milroy, *Search Me* Foto: Divulgação

Unido. Agora, com o câmbio do Real mais favorável para exportação, pode ser um bom momento para trazer trabalhos de artistas brasileiros para mostrar em Londres e testar a aceitação do público daqui” – afirma a colecionadora.

Isabela tem mostrado generosamente a sua coleção online, e fala sobre os artistas com o conhecimento e a paixão de uma jovem colecionadora.

Impossibilitadas de nos encontramos mandei por e-mail algumas perguntas para Isabela Galvão.

Quando e como você se envolveu no mundo da arte?

Comecei meu envolvimento com a arte estudando História da Arte junto com amigas, com um professor que vinha em casa. Vim para Londres em 2012, com a intenção de passar um ano sabático, e fiz um curso na *Sotheby's* de Arte Moderna e Contemporânea. Me apaixonei e, a partir daí, foi um caminho sem volta. Fiz diversos outros cursos (*Courtauld*, *National Gallery* e *Sotheby's*) e continuo estudando História da Arte. Estou aplicando para um mestrado em Arte Contemporânea e espero completá-lo nos próximos dois anos.

O que fez você começar a colecionar?

A partir de 2012, comecei a comprar minhas primeiras obras. Sem foco pré-determinado, minhas escolhas eram baseadas no que visualmente me impactava e também nas histórias existentes por trás dos trabalhos que adquiria.

Qual é a motivação para colecionar?

Coleciono porque amo arte, quero conviver com arte dentro da minha casa, quero que meus filhos tenham essa intimidade desde pequenos. Arte areja, inspira, abre possibilidades. Ter obras de arte em casa é um privilégio. Esse é, inclusive, o tema dos meus últimos posts no feed do Instagram: “Living with art”, muito oportuno agora com os museus e galerias fechados.

Conhecer o artista que criou a obra é importante para você? Porquê?

Adoro conhecer os artistas das obras que compro. Diria que é essencial haver uma sintonia minha com a pesquisa que ele/ela busca. O trabalho tem seu criador dentro dele, o processo para mim está imbuído no resultado. Quando olho para uma obra da Adriana Varejão, por exemplo, vejo as camadas sociais e todo nosso contexto brasileiro de colonização e miscigenação. Para mim, não conhecer o artista quando se fala em arte contemporânea seria desconsiderar o significado da obra e se ligar somente ao aspecto visual daquele objeto.

Qual foi a obra mais recente que você adicionou a sua coleção e porquê?

Um dos trabalhos mais recentes que adquiri foi uma escultura de parede da artista Lydia Okumura. Gosto como ela trabalha as interseções entre a bi e a tridimensionalidade: a nossa mente pode ser induzida ao erro se mantivermos um único ponto de vista. Devemos nos movimentar ao redor da obra, nos aproximar e nos distanciar dela.

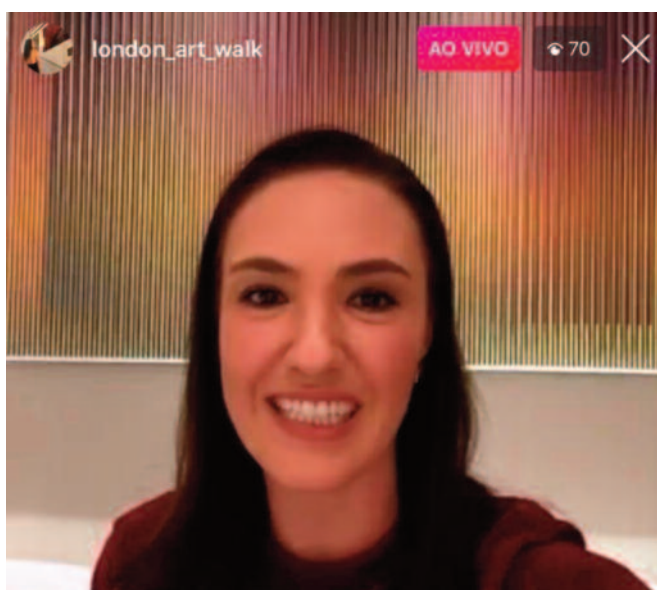
Na minha coleção, não segui propositalmente nenhuma temática, mas hoje percebo que existem elementos em comum à maioria dos trabalhos que já comprei. O abstrato e, muitas vezes, o geométrico marcam presença.

Descreva sua coleção em três palavras.

Minha coleção em três palavras: multimídia, descolada e inclusiva.

Que conselhos você daria para novos colecionadores?

Compre o que goste e siga seu instinto sem ouvir muitos conselhos.



Instagram *London Art Walk* de Isabela Galvão

Arte não morre, se reinventa

Os artistas, curadores e colecionadores foram rápidos em se adaptar à situação, encontrando novas maneiras de compartilhar sua arte com o público online

Maria Hermínia Donato

O verão chegou e, em tempos não muito distantes – AC (antes do Coronavírus) – quando não existia *lockdown*, eu estaria aproveitando os dias que se prolongam até quase às 9 horas da noite, para ver exposições, visitar estúdios de artistas, assistir concertos nos parques, encontrar amigos, ir a restaurantes e bares. Nos dias atuais, impossível!

Essa é a época do ano mais esperada em Londres: todos anseiam o tradicional banho de sol em um dos três mil parques da cidade, que contabiliza três milhões de jardins e duas reservas naturais, formando 47% de espaços verdes e 60% de espaços ao ar livre.

Como moradora de um apartamento sem terraço, varanda ou jardim, meu contato com a natureza é feito toda vez que saio para minhas caminhadas, mo-

mento em que registro as mudanças do tempo em meu diário virtual. Tenho fotos da mesma árvore cerejeira – com e sem flor – e das rosas abundantes na sua exuberância, habitando jardins alheios, registradas em meu iPhone.

A pandemia da Covid-19 gerou mudanças radicais. No mundo das artes, as galerias fecharam e parte do calendário cultural de exposições e palestras foi transferido para 2021. Em muitos casos, foi cancelado.

Felizmente, artistas, curadores e colecionadores se adaptaram rapidamente aos novos tempos e encontraram meios de compartilhar a beleza de seus trabalhos com o público online, através de iniciativas originais que vêm crescendo a cada semana. Um alento para quem, como eu, não sobrevive sem arte.

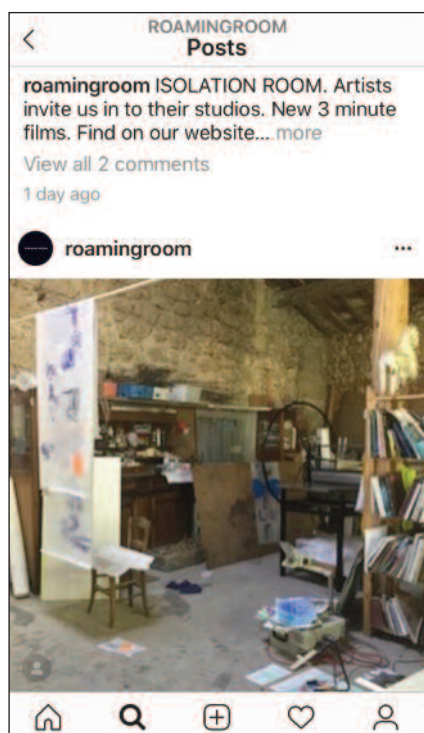
Artistas criam diários documentando suas vidas e trabalhos em confinamento via Instagram, numa tentativa de oferecer um senso de experiência coletiva e mostrar que a arte pode, de alguma maneira, nos ajudar a entender a situação que estamos vivendo.

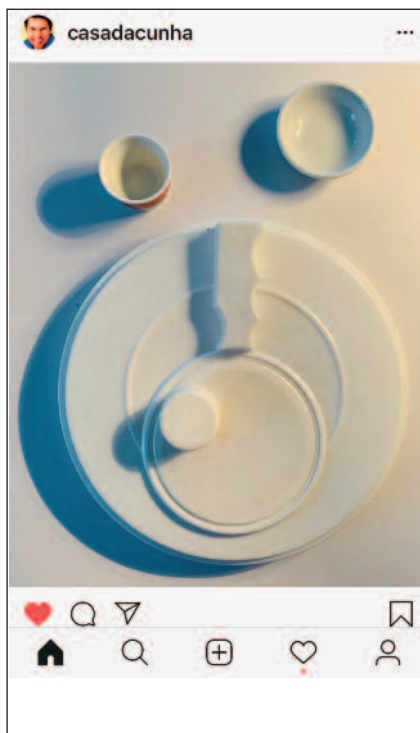
As iniciativas não param: artistas da galeria *White Cube*, como Antony Gormely, Trace Emin, Gilbert and George, entre outros, postaram um diário no Instagram durante sete dias exibindo uma visão mais íntima de suas vidas dentro e fora do estúdio, dependendo do lugar onde estão em isolamento. Vale conferir: *#whitecube* e *#roamingroom*.

Destaco também a campanha *“Horizontes: Arte contra o COVID-19”*, iniciativa de artistas, galerias e profissionais da arte com o propósito de trazer alívio à crise gerada pela pandemia da Covid-19 nas comunidades mais vulneráveis: <http://horizontes.help/>

Impedíveis os trabalhos de Alexandre da Cunha, realizados a partir de objetos da vida cotidiana. O artista os transforma em *“Autorretratos do confinamento”*, com o humor característico sempre presente de maneira sutil em seu trabalho:

#casadacunha





Já Marcos Chaves, no Rio de Janeiro, utiliza o Edifício Beira Mar como seu local de confinamento e se apropria de elementos da vida cotidiana criando pequenas intervenções – *#marcoschaves*

Instituições como o MASP – Museu de Arte de São Paulo, Pinacoteca, SP, MAM – Museu de Arte Moderna, RJ, entre outras, promovem *lives* com artistas e curadores, que falam dos acervos, além de visitação virtual. São várias propostas bacanas para seguir nas redes sociais e participar.

Interessante também o curso gratuito lançado pelo Itaú Cultural: *"História da Arte no Brasil: Um possível olhar sobre a produção em artes visuais no Brasil"*.

A procura superou as expectativas e eles abriram para o público, em forma de palestras, com transmissão até o dia 9 de junho, nas segundas e terças.

<https://www.itaucultural.org.br/curso-gratuito-apresenta-historia-da-producao-em-artes-visuais-no-brasil>

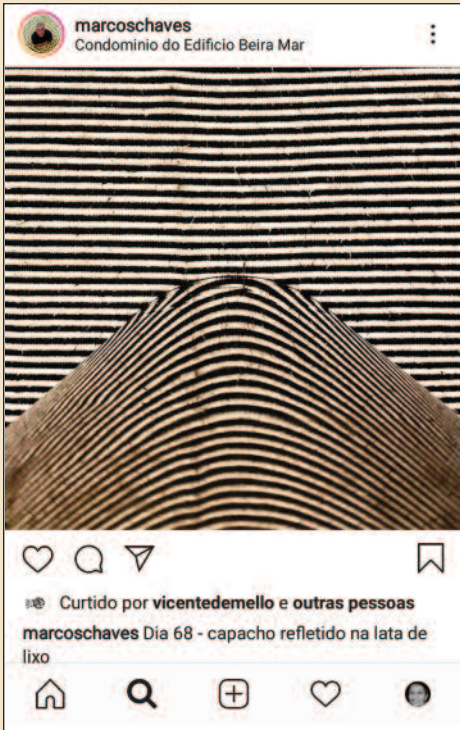
Há também o *Isolation Room*, onde artistas criam *short films* mostrando seus studios durante o *lockdown*, além de vários perfis de arte com programação de *lives* com convidados e diversos temas:

#kuraarte

#casadosaber

#artequeacontece

#artmotiv



O CHARME KIWI

A man wearing a plaid shirt, shorts, and a bicycle helmet stands on a gravel path with his bicycle. He is looking back over his shoulder towards the camera. The path leads to a large blue lake with mountains in the background under a clear blue sky. There are trees and bushes on either side of the path.

Texto e fotos: Antonella Kann
www.antonellakann.com
antonellak1954@gmail.com

A Nova Zelândia, um pequeno país-ilha isolado no sudoeste do Oceano Pacífico, a dois mil quilômetros da Austrália e alinhado pelo mar da Tasmânia, tem cenários de tirar o fôlego, um povo hospitaleiro e uma diversidade cultural impressionante.

Tem mais: o país é um exemplo de eficiência no combate à pandemia e praticamente erradicou o vírus com suas medidas preventivas.

Uma das poucas bolhas num planeta infectado...



A maioria dos 5 milhões de Kiwis – como o povo local é carinhosamente chamado – descende de europeus, é acolhedor e de uma gentileza a toda prova. Tudo funciona, da máquina administrativa à infraestrutura turística. No quesito natureza, há como uma magia no ar com cenários de tirar o fôlego.

O fato de que se vê mais ovelhas do que pessoas (a conta é de pelo menos 18 ovelhas para cada habitante) pode não vir ao caso, mas é muito agradável ter sempre a sensação de que sobra espaço para

gente. Até para começar uma vida nova, ou simplesmente aterrissar como visitante, para curtir e explorar o país de ponta a ponta.

Sim, porque a Nova Zelândia – que é formada por duas ilhas, conhecidas na intimidade apenas como a Ilha Norte e a Ilha Sul – mede apenas 270 mil km quadrados. Ou seja, é só um pouquinho maior do que o estado de São Paulo. E com estradas irretocáveis e uma malha de transporte público Uber confortável, a gente fica no embarço da escolha entre trens ultra modernos, *ferry*



boats e uma frota de ônibus para percorrer o país. Sem contar com avião. Mas, pessoalmente, recomendo alugar um carro e perambular livremente pelas duas ilhas.

Nenhum outro lugar do planeta concentra tantas opções de lazer, distração e divertimento. Qualquer cidade, mesmo pequena, tem seu próprio "parque de diversão". A água, como elemento básico e palco de

grande parte das atividades, tanto pode ser salgada ou doce. Em qualquer canto, você se depara com praias desertas, lagos de águas cristalinas e rios que correm por toda parte. Além, claro, dos mares Tasman na costa leste e o Pacífico na costa oeste.

Uma das prioridades que o país almeja com persistência, por razões econômicas, é se consolidar como um

dos destinos mais requisitados para a prática do ecoturismo. E não faltam atrativos naturais que ajudam a incrementar ainda mais o imenso rol de atrações – desde uma simples volta de caiaque até qualquer "brincadeira" *sui generis* criada e potencializada por eles, como o estonteante *jet boat*, um barco desenhado especialmente para fazer estripulias e piruetas a 84km/hora num rio com pouco mais de 15 centímetros de profundidade.

Para alcançar a meta, o setor turístico investe continuamente na infraestrutura e nos serviços. E o leque de

aventuras vai do “*mild ao wild*” (do suave ao selvagem), como dizem os Kiwis. São tantas e tão variadas que duas semanas de estadia é o ideal para desfrutar de tudo.

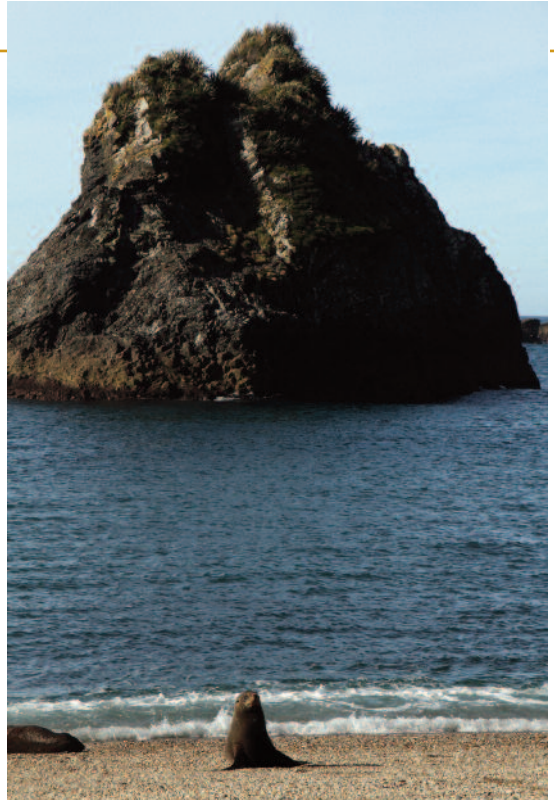
Mas como selecionar o que fazer sem ter aquela sensação de que você deixou de aproveitar uma atração para desfrutar outra? Para melhor tirar vantagem de todos os momentos em que estiver naquele solo longínquo, agende alguns programas icônicos e outros menos difundidos, e organize um itinerário de viagem com tempo bem distribuído, de maneira a curtir o máximo as duas ilhas.



Jet boat no rio Shotover



Porto de Auckland saindo do Pier



Bay of Islands



Lago Wanaka

Construções cheias de charme, históricas, raras, acomodações luxuosas, amenidades a rodo e atendimento personalizado são apenas alguns dos atributos destes estabelecimentos que se espalham pelas duas ilhas. Muitas vezes, estão localizados em cantinhos privilegiados, remotos e isolados. Na alta temporada, é quase impossível encontrar vaga, a não ser fazendo reservas com pelo menos um ano de antecedência.

Comece a jornada explorando Auckland, a simpática capital situada na Ilha Norte, e aproveite para voar até Bay of Islands, com suas praias intocadas. Quanto à Ilha Sul, onde se concentram as maiores aventuras, inclua o que mais lhe apetece: *bungee jump*, canoagem, passeios de balão, visitas a vinícolas, *rafting* de todos os níveis, aventuras em quadriciclos e *mountain bike*, *trekking* e caminhadas ilimitadas.

No quesito hospedagem, o país está consolidando a sua fama por armazenar uma nata de hotéis estrelados, mais conhecidos como *lodges*.

Num país onde se gasta tanta energia em atividades recreativas e esportivas não podia faltar lugar para repor as calorias queimadas. De modo geral, você en-



Wilderness Lodge

contra desde o típico *fast food* até restaurantes sofisticados. No cardápio, especialidades oriundas da descendência e imigrantes – asiáticas, europeias, orientais... Sem contar os indelévels *pubs*, herança britânica por excelência. Que, por serem fidedignos, encerram o último drinque às 11 da noite. Falando em *pot-pourri*, acrescente a hospitalidade canadense, a eficiência e praticidade americana e a bucólica paisagem suíça. E, para ficar melhor ainda, nesta receita não está inserida nenhuma corrupção.

Pronto: você tem um *blend* perfeito para definir a Nova Zelândia. Já deu até vontade de pegar o primeiro avião para lá, não? Então é só aguardar abrirem as fronteiras!



Cordeiro no *Sugar Club*



Mexilhões, especialidade da costa leste





Porto de *Queenstown*

MOMENTO
SOLIDARIEDADE

OXIGÊNIO
revista

Avalie suas possibilidades
e faça uma doação para ajudar a salvar vidas



ParaQuemDoar.com.br

